



CÂMARA MUNICIPAL DE UNAÍ-MG



TERMO DE ABERTURA DE VOLUME

Nesta data, com o mesmo número e especificações, abre-se o segundo volume para o processo do Projeto de Decreto Legislativo n.º 45/2023, de autoria do Vereador Diácono Gê, que concede o Título de Mulher-Cidadã à senhora Marta Pereira de Oliveira, iniciando-se com a folha n.º 101.

Unai, 8 de novembro de 2023; 79º da Instalação do Município.


Servidora Arionilda Caixeta da Silva Braga
Diretora do Departamento Legislativo

incomoda muito que nossa luta possa ser apropriada por grandes cooperativas. Que possamos recuperar nossa grande força social. “

Dona Marta relatou um pouco de como era o terror psicológico que “quem era de luta” sofria naquela época:

“Ela [Mariana] era perseguida e eu vigiada. Tinha um policial que morava do meu lado, Sargento Israel. Tinha uns encontros acontecendo na cidade [dos movimentos sociais]. No domingo o policial fazia roda de samba na frente da minha casa, lá do lado, Na reunião de CEB né, das Comunidades Eclesiais de Base, vinha gente de movimento. Foi na época que prenderam o povo no MST. Aí eu pegava colchão, panela, essas coisas e eles ficavam monitorando minha casa, vendo quem entrava, quem saía. Eu abrigava amigos do Saco do Rio Preto na minha casa. Vinha carro atrás de mim, buzinando, eu com medo subia na calçada. Aí quando ia ver, era um dos grandes. Todo mundo me conhecia bem, né. Ele buzina e levava o carro até no meio fio. Eu sempre tava junto né, não tinha grande liderança, mas tava junto.”

Mariana discordou de dona Marta: “Tinha sim, dona Marta, era liderança sim. O sindicato era bem isolado. Era a Associação da Mulher Trabalhadora, as CEBs, a igreja, os sindicatos e mais ninguém.” Em diversos momentos durante todas as minhas viagens, dona Marta falou sobre a perseguição que sofria. Uma lembrança que ela me narrou foi na época de luta em um assentamento ou povoado, ela não sabia dizer ao certo qual. Ela foi numa festa e estava dançando forró com um homem e não sabia que ele era “jagunço”. No meio da dança, ele fez um movimento como se fosse ajustar seu revólver no cinto. Ela se sentiu ameaçada. “Belchior falava pra mim uma hora você vai ser arrastada na rua. Eu não tinha medo. Belchior e meus irmãos falava isso eles tinham medo. Eu tinha a agilidade de correr, de me esconder.” Dona Marta falou novamente do senhor que ameaçou ela no assentamento durante a festa.

“Não vi o revólver - às vezes ele não tava de revólver e era só ameaça. Eu tava com anel de tucum e aliança e levantei minha mão assim pra ele, de punho cerrado: “O anel de tucum é meu compromisso com a comunidade.” Fui até a mesa e sentei com as colegas. Se ele tivesse com revólver mesmo ele dava tiro nas minhas costas, eu não tava com medo. Quero comprar de novo um anel desses, não sei porque quebrou. Isso que eu fiz era ponto de briga mesmo. “Dar franga”, sabe, deixar ele no meio do salão. Onde sempre dava briga em festa era isso. Ele podia correr atrás de mim pra me matar. O que eu fiz foi um desacato que nem ele fez comigo.”

Eu não tinha entendido qual era a simbologia do anel de tucum e perguntei para as duas irmãs, Maria e Marta. “O anel de tucum é o símbolo. É o anel que mostra que eu sou da

luta, da defesa da luta das comunidades.”, explicou dona Marta. “Eu sou do coco e luto pelo coco” disse Maria. A tradição do uso de anel de tucum⁵³, uma palmeira bem comum na Amazônia, vem desde as épocas do império no Brasil e teria sido usado pela população negra e indígena. Primeiro ele se consolidou como símbolo de amizade ou de casamento e depois se tornou um símbolo da resistência e da luta por libertação. Mais tarde, principalmente nos anos 1960 com a Teologia da Libertação, o anel de tucum passou a significar fé e compromisso com os ideais cristãos e com as comunidades mais vulneráveis. “O anel de tucum tornou-se símbolo desse comprometimento político com a questão da terra, dos posseiros e da causa dos indígenas, simbolizando a aliança com os oprimidos. (VALÉRIO, 2007, p.171) A simbologia do anel de Tucum segue presente nas ações e místicas do MST. (NASCIMENTO ;MARTINS, 2008).



Foto 21: Bloqueio de via. Mutirão/protesto. Acervo pessoal de dona Marta, anos 1980

⁵³ Nome científico *Astrocaryum vulgare*

5.2. “Tem luta que é só do negro”

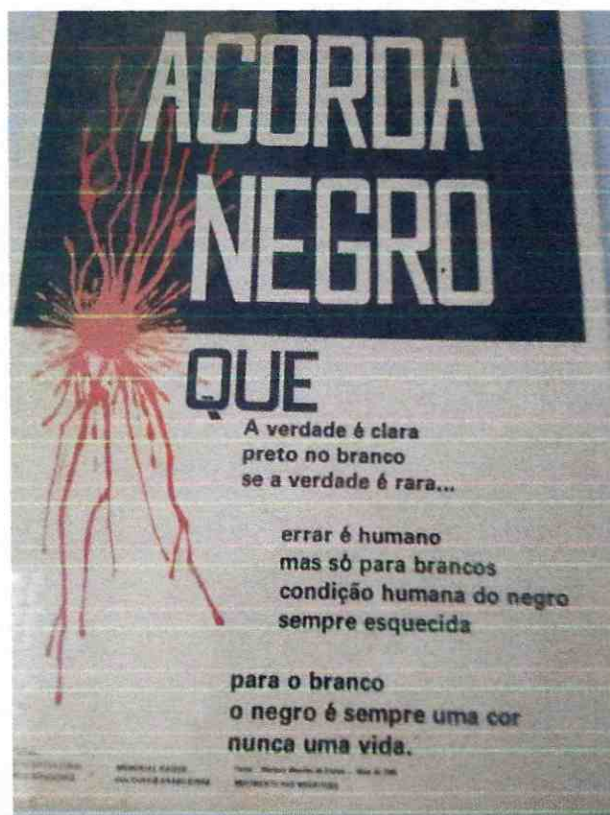


Foto 22 Cartaz na parede da sala de dona Marta, Texto de Marlene Mendes de Freitas, movimento pró-negritude, maio de 1983, Autoria: Angela

Na minha segunda visita a Unai, logo após minha chegada dona Marta me levou à antiga sede da Associação da Mulher Trabalhadora, que hoje em dia abriga a administração da Comunidade Mente Aberta e a comunidade religiosa Santa Teresa D'Avila. Havia uma salinha administrativa com um cartaz que mostrava a freira missionária Célia e Marta com a frase “As fundadoras da Associação da Mulher Trabalhadora”. Em um quarto pequeno havia várias máquinas de costura, legado da A.M.T.U. A sede ainda abrangia um refeitório e cozinha e uma sala grande que lembrava uma igreja, pois tinha algumas imagens de Jesus e um altar improvisado. No lote ao lado da sede há apenas uma casinha que foi construída para uma mulher que tinha vindo de longe e não tinha onde ficar. Há planos para transformar esse lote na Unidade Feminina da Comunidade terapêutica Mente Aberta, como padre Simonídes me explicou naquela ocasião. Diferentemente dos homens que moram na roça e cujas atividades compreendem cuidar de gado, galinhas, tirar leite da vaca e cuidar da horta, as

mulheres vão ser hospedadas lá mesmo. A nova unidade terá três andares: dormitórios, refeitórios, quarto de costura e uma sala para lazer e para oficinas diversas.

Dona Marta me explicou que aquela sala grande onde se celebra missas não era da sua época. “A gente não deu conta de aumentar aqui, por isso passei para Padre Simão e ele conseguiu!” Ainda sobre aquela sala, o padre explicou que lá ocorria a missa da comunidade Santa Tereza d’Avila, mas que eles também emprestavam o espaço para as reuniões da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do MST, e que ali também ocorriam oficinas.

Após conhecer todas as salas, o padre me entregou dois presentes: um pilão de madeira e um navio feito principalmente de palitos de picolé e outros materiais reciclados, ambos produzidos pelos internos da comunidade terapêutica. Tinha dois navios entre os quais eu poderia escolher: um nas cores preto e branco e o outro vermelho e preto. Primeiro eu escolhi o preto e branco, depois mudei de ideia. “Acho que eu prefiro o vermelho e preto que são as cores do antifascismo”, expliquei. O padre e dona Marta riam. “Ela quer o navio antifascista!”, disse o padre rindo. “É, tá aumentando o fascismo, né” Durante essa conversa ele falou sobre a união na luta. “A luta é de todos, quilombola, indígena, mulheres, negros tem que tá tudo unido na luta, porque somos todos humanos.”

No dia seguinte, quando fomos até a roça da família Pereira dos Santos na fazenda Taquaril eu fiquei meio insegura de como perguntar sobre como a escravidão era interligada com a história de sua família. Usei a palavra “quilombola”. João Neto, neto de dona Marta, filho de Joana, por sua vez filha caçula de Dona Marta, de dez anos de idade estava perto e perguntou o que era. Explicamos juntas, Geralda, eu e dona Marta. “Meu pai já não era contido como escravo, mas ele morava na terra do patrão, trabalhava pro arroz, feijão, mas tinha coisa que ele tinha que pegar do fazendeiro.” Dona Marta falou sobre a abolição:

“Essa lei libertou eles, mas deixou no sofrimento. Muitos escravos continuaram, porque não tinha como viver. Não deu terra, não deu nada. Dizem assim né, que o negro foi libertado e jogado no lixo. Que liberdade era essa? Era uma falsa liberdade né.”

Sobre a conversa que tivemos com o Padre Simão, Dona Marta disse: “Por isso que eu digo, que eu concordo com o padre, tem que ser todo mundo igual mesmo e lutar junto, mas tem algumas coisas que é só do negro.” por isso haveria “lutas, que são só do negro. “E a escravidão foi algo tão marcante, que nós, os próprios negros, nos escravizamos também.” Ela contou a história de uma professora negra e outros “que nem mesmo para uma foto não querem sentar na frente, não gostam”. “Nós mesmos nos escravizamos, nós mesmos não tinha



coragem”. Sobre o povo negro “se escravizar” ela não falava no sentido de atribuir culpa às pessoas negras pelo seu sofrimento e pela escravidão, mas muito mais no sentido do racismo destruir a autoestima da população negra, no sentido de uma subjetividade colonizada. (CARNEIRO, 2005, SILVA, 2004, WERNECK, 2016) O combate ao racismo e todas as suas consequências destrutivas era o propósito do Grupo Negro, principal frente de atuação política nesse sentido na região de Unai nos anos 1980.

Assim como a AMTU, o Grupo Negro tem suas origens dentro da Igreja Católica nos encontros de CEB. Uma folha com anotações de dona Marta para uma apresentação do grupo, da qual ela não lembra para qual ocasião esse documento foi elaborado, conta um pouco da história do grupo:

“O movimento de Consciência Negra de Unai surgiu na década de 80 a partir da necessidade de nós negros mostrarmos os nossos valores e contribuições à cultura brasileira, além de, é claro, desfazer alguns mitos, que ainda hoje cercam “O NEGRO”, do tipo: “negro é vagabundo”, é “preguiçoso”, é “feio”, é “macumbeiro” etc... Tínhamos como fonte de inspiração as dificuldades que sofriamos e víamos outros sofrer, por causa da discriminação, se não nos uníssemos regional- e nacionalmente com certeza teríamos nossa cultura ainda mais massacrada pela ideologia branca, que há algumas décadas atrás era a única certa e respeitada. Durante anos esse grupo foi atuante em nossa comunidade, participou de vários encontros a nível regional e nacional, buscando fortalecer ainda mais nossas consciências de que a negritude é bela, tem história e tem razão de ser assim tão marginalizada, mas tem ainda mais razão para se erguer, ser forte e grandiosa.”



Foto 23 : Participação de dona Marta em Missa Afro, Julho 1992, acervo pessoal de dona Marta

O grupo promovia desfiles, oficinas de tranças e cursos de dança e de capoeira. Os seus eventos culturais sempre tinham um viés antirracista e de conscientização. O grupo negro também coordenava as missas afro dentro da igreja. “As missas afro são que nem as missas normais, mas o negro, ele gosta de rezar com o corpo também. Então tinha mais música e mais dança, e a gente cantava com mais força também.”, me explicou dona Marta. “Tinha atabaque, essas coisas.”

O Grupo Negro também fazia parcerias com a “Fundação Conscienciarte” já nos anos 2000. A Fundação Conscienciarte tinha sede em Paracatu, mas atuou em Unaí também, organizando cursos de dança dos quais dona Marta participava. Na página oficial da fundação explicam que sua missão seria “Promover o desenvolvimento social, em parceria com o poder público e privado, de forma cooperativa e solidária, tendo como eixos: Educação, Cultura, Ecologia e Cidadania.”⁵⁴ O Grupo Negro conjuntamente com a Fundação organizava eventos para celebração da Consciência Negra em novembro.

⁵⁴ Fonte: <http://www.conscienciarte.org.br/>, último acesso 20/11/2018



Foto 24 : Mulheres do Grupo Negro, provavelmente em uma missa Afro, à extrema esquerda Maria, irmã de dona Marta, anos 1990, acervo pessoal de dona Marta

5.3 Terra Na Prateleira - Projeto Bem-Viver da Família Pereira dos Santos

Durante o seminário, eu fiquei responsável por ajudar dona Marta a elaborar sua fala. Como em alguns momentos ela tinha dificuldade para lembrar certos nomes e momentos, eu anotava para caso ela se esquecesse durante sua fala eu a lembrasse no momento da discussão, através de um comentário ou de uma pergunta. Dona Marta me disse: “Minha fala é hoje, né? Então anota aí a terra na prateleira! Pra se perguntarem: por quê lutar pela terra!” - “O que significa terra na prateleira?”, perguntei. “Que é muito amor pela terra, que a gente guarda na prateleira!”

Algum tempo depois, já de volta à sua casa em Unaí, perguntei novamente de onde vinha essa expressão e o que ela entendia por terra na prateleira. “Para mim a terra é o paraíso. Mesmo com toda a minha fé, quando eu acordo de manhã, antes do altar o que vem à minha mente é a roça.” Atualmente quase todas as manhãs dona Marta vai até a roça de seus pais, a pé ou de bicicleta para capinar, colher, plantar ou limpar e me falou do prazer que ela sente até nos trabalhos mais exigentes fisicamente.

“Quando você tá capinando, você vê a plantinha crescendo... Você levanta a cabeça e vê a natureza. (...) E eu vejo as diferenças: uns são fáceis, uns tem

as raízes bem fortes e profundas, outras são bem submersas e as outras é tão forte que você puxa, puxa, estoura os galhos mas não sai as raízes. Tem muita diversidade! Uns são em pé, outros deitados... Dá pra meditar assim, não precisa nem de rosário. Você vê assim se vai chover ou não... Isso é extraordinário! É tudo muito parecido e muito diversificado. Só Deus pra saber. Tem esse lado místico na roça de Deus estar presente em tudo. Aqui na cidade a gente vê, mas lá é mais purificado. É o prazer que a gente tem até no trabalho mais duro.”

Porém, a terra, um testemunho do amor e da presença de Deus, para dona Marta não significa apenas produção de alimentos e lazer, mas também cura. Quando ela foi diagnosticada com ovo de lombriga solitária na cabeça, ela recorreu à medicina popular, assim como quando apareceu um caroço nas suas costas que precisava ser removido através de uma cirurgia. Esses e outros mal estares foram tratados por dona Marta com plantas, raízes, frutos, “do que vem da terra” e a própria terra, como em forma de barro e argila.

“A terra na prateleira é como remédio, como o azeite [de mamona]. Algo precioso que se guarda na prateleira. A terra, eu guardo ela na prateleira, que além da gente produzir e viver nela, eu tenho ela como remédio. A gente usa argila, mas você pode usar qualquer terra desde que esteja saudável. Tem que usar terra de beira de córrego onde ela não está contaminada, perto da árvore. A gente usa muito é terra de formigueiro.”

A terra na prateleira também é uma bela metáfora para seu vínculo e sua relação afetuosa, de cuidado e amor, pela terra de seus pais, mantida mesmo na vida na cidade. Para Dona Marta o uso “do que há no meio, do que vem da terra” advém dos saberes tradicionais de sua família negra e por isso é relacionada à história e cultura das famílias negras rurais na sua busca por autonomia, na realização do projeto camponês - isto é, a autonomia proporcionada pela terra e constituição de família. (PLÍNIO DOS SANTOS, 2010; WOORTMANN, 1983)

Em novembro de 2017 liguei para dona Marta para combinarmos minha próxima visita. Nessa ocasião, ela me falou de sua tristeza:

“Eu fico triste assim, sabendo que é o mês da consciência negra e esse mês não teve nada, nada para lembrar. Antigamente a gente sempre fazia. Parece assim que as pessoas estão esquecendo, os jovens estão esquecendo..”

Nesse telefonema, ela me falou pela primeira vez sobre as suas dúvidas em relação à identidade quilombola, se sua família era quilombola ou não. “Já tinham me falado disso, mas eu deixei pra lá. Agora eu voltei a pensar muito nisso.” Ela me pediu para explicar sobre as possibilidades da sua comunidade reivindicar o título de quilombola.

Eu discuti essa demanda com o meu orientador, que, por sua vez, me passou o contato de uma colega de curso que trabalhava na fundação Palmares. Ela me explicou todo o procedimento para requisitar o título e toda a documentação necessária. Na minha visita dona Marta e eu analisamos todo o processo e os documentos. Ela ficou com receio do termo “remanescente de quilombo”, pois não havia uma referencia a “quilombo” ou “quilombolas” na história da sua família. Perguntei como ela descreveria o “projeto de Bem Viver da sua família”⁵⁵ e ela me respondeu como se fosse submetê-lo a um edital.

“Eu colocaria assim: Família Pereira dos Santos, que vem de uma família tradicional de trabalhadores rurais com culturas do negro, o tipo de convívio familiar, tipo tradicional de formação de família, de religião, de produção para sobreviver, mandioca, cana de açúcar, rapadura, até mesmo algumas frutas nativas que aprendemos a aproveitar. Os brinquedos que nós brincava... A gente tem essa busca novamente... A boneca de palha, esse tipo de coisa. A gente ensinar as nossas crianças a conviver com as coisas do meio. Nós negros têm essa coisa: usar o que tem entre nós. Isso era a forma de cultura e do meio de sobrevivência, não precisava ter dinheiro pra ter brinquedo.”

Como essa sua fala evidencia, dona Marta se preocupa muito com o fim das tradições. Nos dias atuais, somente Marta, suas irmãs Maria e Geralda e uma das filhas de Geralda torram farinha de milho juntas, no quintal da antiga casa de Dominga na cidade, hoje habitada por Geralda e Maria. Os conhecimentos tradicionais da família, como os brinquedos feitos a mão, a produção de óleo de mamona e de farinha, estão correndo risco de se perderem, pois os jovens e as jovens da família já não demonstram interesse neles.

Eu expliquei para dona Marta que a identidade quilombola era uma identidade política (O'DWYER, 2007) e que mesmo nunca tendo usado esse conceito, ela poderia sim dar início ao processo. Conversei também com a filha mais velha dela, Ângela, mas ela já não tinha interesse em acessar essa política. Percebi que uma parte da família enxergava isso como

⁵⁵ Termo usado pela própria dona Marta.

“muito trabalhoso, mais um problema pra gente lidar”. Dona Marta continua conversando com suas irmãs e irmãos sobre essa questão, tendo em vista as políticas públicas e projetos no sentido de fortalecimento das tradições da família, da consciência negra e de combate à criminalidade e uso problemático de substâncias químicas.



Foto 25: Material de construção na roça. Autoria: Luan Henrique Silva, novembro de 2018,

Já o “Projeto de Bem Viver da Família Pereira dos Santos”, um projeto de retomada e ocupação da terra, existe e está sendo liderado por dona Marta. Foi ela que montou uma rede elétrica e um poço artesiano. Todo o terreno é decorado por placas de madeira através das quais dona Marta busca conscientizar sua família da importância do cuidado tanto entre os familiares como com a natureza com frases como “Joga o lixo no lixo”.

Antes da morte de sua mãe, a sua roça foi loteada para que todos os filhos de Dominga e Eugênio tivessem uma parcela de terra. Marta se engaja na ocupação desta terra, tanto através da produção de mamona e de mandioca, quanto motivando a família a construir suas moradias lá para a roça voltar a ser um lugar de lazer, visando dar continuidade a alguns

aspectos tradicionais da vida na roça. Atualmente algumas familiares já estão construindo suas casas e Geralda mantém uma criação de porco e de galinhas.

6. Considerações finais

“O amor é político! Uma das coisas que sempre dizemos é que nós fazemos política como um profundo ato de amor, amamos a nosso povo, e o que nos move é isso, somos apaixonadas por nosso povo: as pessoas, a natureza, a paisagem... e por amor inventamos todas as metodologias e a facilitação que utilizamos, procuramos explicar ao nosso povo como lhe amamos, como queremos que seja amanhã, como gostaríamos de viver... E essa é a ação política: expressar nossos desejos e esperanças. Estamos apaixonadas pelo processo de mudança que se vive atualmente. Então, inventamo-nos em tudo para poder acompanhar, explicar, apaixonar, gozar, seduzir, comer, alimentar... O fluir da vida e da esperança é isso. E assim entendemos a política.”

Julieta Paredes em “O feminismo comunitário é uma provocação, queremos revolucionar tudo.”⁵⁶

Ao ser perguntada sobre o “por que” da luta pela terra, Marta responde “Que é muito amor pela terra, que a gente guarda na prateleira!” “A terra na prateleira” significa ter a terra, entendida tanto como a terra-território, roça de seus pais, em que passou sua infância, quanto a terra-natureza, entendida como os rios, as árvores, plantas, frutas, sempre presente, no coração e na mente, como algo precioso, mesmo na cidade. O amor pela terra, por sua família, sua comunidade e seu olhar afetuoso para as mulheres se manifesta através do esforço e trabalho duro ao longo de toda uma vida a fim de melhorar suas vidas e de promover sua libertação. Dona Marta e suas redes e comunidades fazem política com amor, com fé, com alegria.

De acordo com Maluf (1999) há algum tema central, que sempre perpassa toda a história de uma vida. Quando entrevistamos durante um maior espaço de tempo e repetidamente uma pessoa acerca de sua própria vida, vemos esse tema central surgir e ressurgir. Esse tema seria “o fio que ajuda a tecer o itinerário narrado.” (MALUF, 1999, p.72). Encontrar esse fio seria parte do projeto antropológico, pois a interpretação da antropóloga/do

⁵⁶ Fonte: Diário Liberdade, disponível em <<https://gz.diarioliberalidade.org/america-latina/item/12022-o-feminismo-comunitario-e-uma-provocacao-queremos-revolucionar-tudo.htm?fbclid=IwAR0HDS-omGGIAKTLv5l5IVqCQPK2U3l0Qq%20geKHdY3IMEWFs5T-Fv1U7rh4>>, último acesso 18/01/2019

antropólogo deveria “revelar a quintessência”⁵⁷ da experiência e da autorreflexão que constituem a narração.” (MALUF, 1999, p.72)

A princípio eu acreditava não ter encontrado um único tema central, mas três, que serviam também como ponto de partida para as narrativas de dona Marta: a territorialidade (sua relação com a roça de seus pais)- as suas lutas políticas e a sua fé cristã. Ao longo da elaboração desse trabalho, no entanto, fui compreender que na verdade se tratava sim de um único tema, pois são três aspectos que estão interligados e se confundem e formam um único mosaico. Seria mais ou menos assim: Deus se manifesta na roça, na terra a ser cultivada, usada, vivenciada, desfrutada, um verdadeiro testemunho do amor de Deus. A luta se dá pela necessidade de proteger essa terra, e buscar a libertação das comunidades oprimidas e exploradas no sentido da teologia da libertação, para se seguir o exemplo do viver-bem em comunidade de Jesus Cristo. Deus também está presente na busca por formação, tanto espiritual, quanto educacional por parte de dona Marta, na sua sede por conhecimento. Qual outra explicação haveria para uma “menina da roça” gostar tanto de ler? Como diz dona Marta: “Deus ajuda, mas a gente tem que se ajudar também, né.”, poderíamos dizer: “Deus ajuda, quem luta.”.

O trabalho muitas vezes para dona Marta é um aspecto do exercício de seu amor e de sua fé. Ela é Marta, irmã de Maria, que ora e trabalha. Sobre seu nome, dona Marta me contou

“Antigamente eu não gostava do meu nome, não. Mas hoje acho que tem tudo a ver comigo. Porque as pessoas ficava assim: “Ô Marta, ô Marta” [em tom de desaprovação, de aversão ou de zombaria], isso foi durante o cursinho, tipo julgando né! Porque a Marta, ela não parava né, trabalhava o tempo todo, fazia de tudo e não parava. Porque na história da bíblia é assim: Dona Maria é a que recebe Jesus e cuida de Jesus, né, que lavava os pés dele com óleo e cuida e a Marta é a que faz tudo e só trabalha. Aí as pessoas falava né, que a Maria foi esperta, que Maria é a que teve melhor, né, porque fica perto de Jesus. Aí fui até na Igreja falar com o padre que isso tava me incomodando muito. Aí ele disse para eu não ficar assim não e falou assim: “Maria só sabia rezar, só isso. A Marta sabia tudo, sabe trabalhar e rezar tudo junto.” Eu até fico envergonhada assim, que me orgulhei, fiquei feliz mesmo, que antes eu achava que meu nome não tinha nada a ver, daí que eu vi que era isso mesmo, que eu trabalho e oro e eu consigo fazer os dois ao mesmo tempo, que é isso mesmo que eu faço! “

Marta é também Marta Lagarta, que está sempre brincando com os netos. Na comunidade Barra do Córrego, onde passamos um fim de semana para comemorar o dia do

⁵⁷ Isto é, de forma simplificada, o elemento essencial, de maior relevância.

santo São Sebastião, ela fez competição de grito com seu neto mais novo, João Neto, de dez anos, e se escondeu de baixo da mesa para divertir os netos adolescentes. Dona Marta passou a ser chamada de Marta Lagarta pelas crianças com referência a um livro que elas liam na escola. Descobri que a Marta Lagarta do livro não é personagem, e sim autora e que o livro se chama “A menina que ia para longe”. Trata-se de um conto popular, que se transformou em livro após muitos anos “só na lembrança de Marta Lagarta”.

“A menina que ia para longe é uma história que havia sido contada pela avó da autora na sua infância. (...). Nessa divertida história, uma menina caminha, caminha, caminha e tem divertidas conversas com os personagens que vão surgindo. Nas diferentes situações, a menina perde várias coisas e vai fazendo trocas ao longo da sua caminhada. A história mostra a importância de a criança aprender a lidar com a perda e seguir em frente, no caminho florido comprido, e também de entender que sempre haverá lugar para algo novo entrar na sua vida.” Sinopse na página Travessia⁵⁸

Gostei da sinopse e achei que tinha tudo a ver com dona Marta, que sempre foi muito próxima da sua avó e é uma “mestra de vida”. Na sua trajetória, aprendeu a importância de seguir em frente, lutar para melhorar a vida no presente e por um futuro melhor e ao mesmo tempo valorizar a história dos seus antepassados, do seu povo. Sempre caminhando.

Já ao final do trabalho de campo, Marta me pediu para escrever uma “avaliação” sobre ela. Quando a sua filha mais velha, Ângela, estava no ensino médio ela escrevera um texto sobre sua mãe que também fazia algumas críticas e isso teria ajudado muito dona Marta na época a se atentar para algumas coisas que ela não tinha percebido antes. Então ela queria que eu a dissesse se ela teria “muito ou pouca liberdade” e qual seria a avaliação minha de como é dona Marta em relação “às coisas de família e coisas do serviço”. Eu fiquei um pouco insegura quanto a esse pedido e expliquei para ela que não é essa a tarefa da antropóloga/do antropólogo, que nós não fazíamos julgamentos ou avaliações nesse sentido. “Então faça esse favor como amiga!”, disse dona Marta. Com esse distanciamento da relação pesquisadora - interlocutora eu concordei em realizar seu pedido. Assim surgiu o texto “O legado da roça” que foi lido por Ângela no dia primeiro de julho de 2018 na festa surpresa em comemoração ao aniversário de 75 anos de dona Marta. O texto foi bem recebido, deixando várias/os familiares emocionadas/os. Fui convencida por meu amigo José Eduardo Souza Gastão, carinhosamente chamado de Zé, estudante da antropologia também, a acrescentar o texto na

⁵⁸ Fonte: <https://www.travessa.com.br/a-menina-que-ia-para-longe/artigo/b6c67e2b-94d8-41dc-9aeb-c83014d35f09> último acesso 03/10/2018

minha monografia. Ele me disse: “Fiquei emocionado. Lendo o seu texto eu pensei: isso que deveria ser antropologia, ela ainda não o é, mas é o que ela deveria ser.” Ao reler o texto após terminar a escrita dessa monografia, decidi que serviria bem como conclusão, pois traz vários dos aspectos sobre os quais discorro ao longo do trabalho, além de ser um retrato de dona Marta, pintado aos poucos com as suas narrativas e minhas observações.

6.1 O legado da roça - De Dona Marta e suas inquietudes

Já se escutou dizer por aí que ela é “coitada” porque “não receberia ajuda da família.” Deve ter sido alguém que viu ela voltando da roça, da terra de seus pais, de bicicleta ou a pé, rezando o terço, a roupa suja, pois passou a manhã capinando. Talvez com um saco de mamona coletada para fazer o azeite, tradição antiga renovada sempre por ela e sua irmã. Ou então ela estava voltando da casa de sua mãe Domingas, casa agora habitada por suas irmãs Geralda e Maria. As roupas simples e sujas também, porque estava fazendo farinha de milho ou de mandioca, outra tradição, da cultura dos negros como diz Dona Marta.

Essa produção não é mera questão de dinheiro, não se trata apenas de completar a renda, apesar de mostrar o valor da terra ser um dos objetivos de Dona Marta. Me parece que mais importante do que isso é manter a tradição viva. Manter a tradição viva é relembrar e honrar a sua própria história e a história da família, os antepassados, Dona Dominga e Seu Eugênio e quem veio antes deles. Muitas vezes quem é de fora enxerga isso melhor do que quem é da família e sempre conviveu com a tradição.

Esse mesmo Alguém, que chamou Dona Marta de coitada, não deve conhecer sua família grande e sua imensa rede de amizades, a preocupação de suas filhas e seus netos com o seu bem estar – mal sabe esse Alguém o quanto que suas filhas e netos gostariam de vê-la relaxando, o quanto que acreditam que ela poderia estar mais tranquila, “aquietada” – mas esse Alguém também não deve entender nada de liberdade. Dona Marta uma vez me disse algo como: “É bom ter liberdade, mas muita liberdade também não é bom, pois não há ninguém para te dizer a não fazer algo, ou quando já basta, já é suficiente.” O momento de parar, então. A liberdade de Dona Marta foi duramente conquistada, ela precisou lidar com a revolta que sentia contra o machismo do pai, parte da cultura patriarcal, ela precisou se levantar várias vezes contra o seu marido e exigir respeito e tratamento digno perante a sociedade, mas principalmente, sempre precisou trabalhar pela sua liberdade. Para quem desde pequena trabalhou muito, o trabalho é parte importante da vida.

Eis o aspecto mais complicado da liberdade de Dona Marta: ela é também a liberdade teimosa das idosas. Algo que já observei muito em minhas avós: quando elas decidem algo não há quem as faça mudar de ideia a não ser elas mesmas. Às vezes elas complicam algumas coisas que poderiam ser resolvidas mais facilmente, implicam com algumas pessoas mais do que o necessário. Coisas que talvez seria melhor simplesmente deixar para lá, como o que tal pessoa e tal pessoa acham ou falam delas. O que as outras pessoas fazem ou não fazem de acordo com suas ideias do que é o correto.

Uma de suas sobrinhas uma vez disse: “Tia Marta, você é obsessiva com algumas coisas, isso eu já observei em você! Com coisas de trabalho.” E para mim, Dona Marta disse, em um domingo: “Por mim já descascaria a mandioca logo, não esperaria amanhã. Tem que rezar e descansar, mas quem reza, trabalhar um pouco também pode, tem gente que nem reza, nem trabalha, oras!” Dona Marta mesma me disse: “Foi maravilhoso [nosso tempo juntas], veja só, você não teve a sua enxaqueca e eu me curei um pouco da minha doença de serviço, que eu nem sabia que tinha!” Para quem não consegue ver a terra malcuidada, a época correta de plantar mandioca ou milho passando e a terra sem arar, a mandioca toda empilhada prontinha para ser descascada, ficar parado é tortura.

Essa é Marta, irmã de Maria que, segundo a bíblia, é bem diferente da irmã. A bíblia mostra Maria como sendo mais de uma oração contemplativa e da proximidade com Jesus enquanto Marta é do trabalho também. “Ora et labora!” em latim, “ore e trabalhe!”, princípio da ordem de São Bento, dos beneditinos. Por isso, Dona Marta, sempre envolvida na luta das mulheres, dos negros e dos sem terra, no auge dos seus 74 anos precisa aprender a relaxar, a se aquietar, a não se deixar afetar tanto pelas coisas à sua volta, a ficar mais em paz.

Para sua família, é uma questão de saúde mesmo. A preocupação é com o tanto de esforço que ela faz, o tanto que caminha debaixo do sol. Uma pessoa da família me disse: “Eu fui em Caldas Novas, e você tinha que ver, os velhos tudo relaxando lá na água quentinha. Gostaria tanto de ver Dona Marta assim, ela tem sim condições pra isso.”

Não é que Dona Marta não goste de viajar, não, não é que ela não goste de se divertir, não, mas é que assim como se diz dos povos nômades que escutam o chamado do vento para seguirem em frente e explorarem novos lugares, Dona Marta escuta o barulho da água no córrego em sua terra, ela sente o tempo de plantar chegando, é sua terra lhe chamando para retornar. É o desejo de desfrutar da terra, de tê-la novamente como lugar de produção e de lazer, e também de união da família. É o legado da roça em seu peito, as memórias de sentar ao redor de uma fogueira, contar histórias e fazer gracinhas. Ao acordar, mesmo sendo uma



mulher de muita fé, antes mesmo do altar, é a imagem da terra de sua família que lhe vem à mente. Capinar para ela é uma meditação, é um momento de paz, em que ela esquece o mundo a seu redor, todas as suas preocupações e só se concentra na terra, nas plantinhas crescendo, no canto dos passarinhos.

Eu também tive o prazer de conhecer Marta Lagarta, que adora estar entre crianças e jovens. Uma avó forte e divertida que se esconde debaixo da mesa para assustar os netos, que brinca com os jovens, faz competição de grito com os pequenos e se joga no córrego. A mesma avó brincalhona é também uma avó “exigente”, nas suas próprias palavras. Às vezes ela é um pouco dura, quem sabe ela não poderia limpar as lentes de seus óculos da poeira das suas ideias tão fixas, da sua opinião forte do que é o correto e o melhor para todos e ver com mais nitidez a beleza de sua família e o amor de todos por ela? Quem sabe isso não aliviaria um pouco as suas inquietudes e possibilitaria mais união na sua família? E os jovens, será que não poderiam se esforçar mais em escutar Dona Marta, em aprender com sua vida e seus conhecimentos?

A gente fala muito na falta de abertura que os velhos têm para com as coisas dos jovens, mas Dona Marta uma vez me disse: “É bonito quando os jovens têm abertura para as coisas dos velhos.” Espero florescer a sementinha do encontro com os jovens, que eles saibam aproveitar essa sábia mulher idosa e vivida, que busquem apreciar seus ensinamentos. A fala é terapêutica e todo mundo gosta de ser escutado. Quem sabe não possamos cultivar o dom da paciência e da escuta? Quanto às inquietudes de Dona Marta, o legado da roça ninguém poderá lhe tirar, é o seu pertencimento, é a sua identidade, e aprender a permitir-se o descanso, permitir-se viajar, ficar um tempo longe da terra e do trabalho, isso é com Dona Marta e Deus.

7. Epílogo: “Esse milho tem outro gosto” - Algumas notas sobre o momento da pesquisa

Não se pode comprar o vento/ Não se pode comprar o sol/ Não se pode comprar a chuva/ Não se pode comprar o calor/ Não se pode comprar as nuvens / Não se pode comprar as cores / Não se pode comprar minha'legria / Não se pode comprar minhas dores (...) Mi tierra no se vende / Trabajo bruto pero con orgullo / Aquí se comparte, lo mío es tuyo / Este pueblo no se ahoga con marullos / Y si se derrumba yo lo reconstruyo (...) La operación Cóndor invadiendo mi nido / Perdono pero nunca olvido, oye / Aquí se respira lucha / (Vamos caminando) / Yo canto porque se escucha (vamos caminando)/ Aquí estamos de pie / Que viva la América / No puedes comprar mi vida” Latinoamérica - Calle 13

Um momento marcante durante a escrita foi o Museu Nacional no Rio de Janeiro queimando, pois esse desastre me pareceu muito simbólico para tudo que estamos vivendo. Por estar lendo, pesquisando, escrevendo sobre memória e identidade, conceitos intimamente relacionados ao patrimônio, senti essa perda de forma muito pessoal, como se algo muito precioso *meu* estivesse em chamas.⁵⁹ Entre outros, o fim do Centro de Documentação de Línguas Indígenas (CELIN), que possuía registros de línguas indígenas já extintas, me pareceu retratar de uma forma simbólica e muito material o descaso com ensino, pesquisa e ciência e com os diversos povos indígenas, quilombos e comunidades camponesas.

A luta pela terra da qual dona Marta participou, atuando através da Associação da Mulher Trabalhadora, é uma luta contínua, inacabada e que não terá fim até que a devastação seja tanta que não haverá mais pelo que lutar. Trata-se tanto da luta dos agricultores sem terra para cultivar, como a luta de quilombolas e indígenas pelo reconhecimento e proteção de suas terras e do direito ao Bem-Viver⁶⁰. A luta pela terra é também a luta pelo planeta terra, pelo meio ambiente, pela vida.

⁵⁹ Sentimento compartilhado principalmente com colegas que sonhavam em fazer pesquisa lá e demais colegas de curso que apreciavam o tesouro abrigado pelo museu e/ou tinham lembranças boas de lá.

⁶⁰ O conceito de Bem-Viver (ou *Sumak Kawsay* em quéchua) é bastante amplo e complexo, pois envolve múltiplas dimensões da vida, material, espiritual, social e tem origem nas cosmologias indígenas andinas. O Bem-Viver recusa a ideia da terra enquanto insumo para produção. De acordo com a Comissão Missionária Indigenista (CIMI, 2015): “Sob os princípios da reciprocidade entre as pessoas, da amizade fraterna, da convivência com outros seres da natureza e do profundo respeito pela terra, os povos indígenas têm construído experiências realmente sustentáveis que podem orientar nossas escolhas futuras e assegurar a existência humana. Estes povos têm nos ensinado que para construir o Bem Viver as pessoas devem pensá-lo para todos. Isso significa dizer que é preciso combater as injustiças, os privilégios e todos os mecanismos que geram a desigualdade. Assim, a “causa” indígena se vincula com a “causa” dos pobres e marginalizados e, desse modo, não deve ser pensada como uma questão à parte, desvinculada dos grandes desafios do mundo contemporâneo. Um dos grandes ensinamentos que os povos indígenas têm nos transmitido, desde tempos imemoriais, é o de saber conviver com a Mãe Terra, dedicando-lhe respeito, amor e profundo zelo.” (p.1) Nesse mesmo “Encarte Pedagógico” do CIMI podem ser encontrados mais sugestões de leitura acerca do Bem-Viver.

De acordo com uma pesquisa realizada pela ONG Global Witness intitulada “A que preço?”⁶¹ em 2017, ano em que iniciei a pesquisa, o Brasil foi o país em que mais defensores da terra e do meio ambiente foram assassinados, “o pior ano já registrado em qualquer país” (p.22). Segundo a ONG foram 57 defensores mortos, 25 destes durante três assassinatos em massa que ocorreram no país. A ONG compreende como defensor da terra e do meio ambiente lideranças indígenas, advogados, jornalistas ou funcionários/as de ONG, que tomam “medidas pacíficas, em caráter voluntário ou profissional, para proteger os direitos ambientais ou da terra.” (p.12) Já a Comissão Pastoral da Terra (CPT) registrou 71 assassinatos de indivíduos devido a conflitos de terra nesse mesmo ano.⁶²

A ONG Global Witness apontou como algumas das causas para essa situação no Brasil a redução do orçamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), além da falta de investimento no Programa Nacional de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos. Outras causas seriam a impunidade dos agressores, corrupção, fracasso na garantia de direitos próprios e coletivos à terra, a não-inclusão das comunidades nas elaborações de projetos envolvendo suas terras e a falta de inclusão de avaliações de impacto social, ambiental e de direitos humanos nos projetos. Além disso, a ONG ainda alerta para o perigo do fortalecimento da lobby do agronegócio.⁶³ Este é também o setor apontado como o mais violento e irresponsável internacionalmente, ligado à maioria das mortes, logo seguido da mineração e extrativismo.

Se nos anos 1980-1990, no auge dos conflitos vivenciados por dona Marta e meus/minhas demais interlocutores/as, em Unai a questão principal era o direito à terra, à permanência no lar que a família levou anos construindo, assim como a terra para viver, para produzir, para curar, nos anos 2000 - além da luta pela terra em si - os pequenos produtores, muitos agora em assentamentos, lutam pela sobrevivência, pelo direito à água frente aos

⁶¹ Os critérios para inclusão de cada caso no relatório da ONG são “fontes de informação on-line credíveis, publicadas e atuais, detalhes sobre o tipo de ato e método de violência, incluindo a data e a localização, Nome e algumas informações biográficas sobre a vítima, Conexões claras e documentadas do envolvimento do defensor com uma questão ambiental ou fundiária/territorial” (Global Witness, 2018, p.52)

⁶² A CPT inclui também trabalhadores/as rurais cujos assassinatos possuem vínculo com seu trabalho sindical e também assassinatos em conflitos de terras ocasionados pela falta de ação do Estado em resolver causas estruturais da violência na zona rural, que não são incluídos na definição de “defensor da terra e meio ambiente” formulada pela Global Witness. (Global Witness, 2018, p.24)

⁶³ A Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República publicou uma nota à imprensa afirmando que o relatório “A que custo?” apresentaria “dados equivocados, inflados, frágeis e metodologia duvidosa”. Alguns dos assassinatos deveriam ser atribuídos a conflitos relacionados com o tráfico de drogas e um deles teria sido um latrocínio. “Isso por si só tira qualquer resquício de credibilidade que tal documento poderia ter, e mostra que a Ong distorce os fatos” (FOWKS,2018)

projetos de privatização e pela produção de alimentos saudáveis. Não é por acaso que muito se falou sobre plantação de soja e falta de água, sementes crioulas⁶⁴, transgênicos e agrotóxicos no Seminário da Memória Coletiva da Luta pela Terra em Unai.

Durante a minha pesquisa, em 23 de julho de 2017, aconteceu a 20a Romaria das Águas e da Terra de Minas Gerais, da qual dona Marta participou tanto como romeira quanto como uma das organizadoras em sua região. O tema era “Povos da cidade e do sertão clamando por água, terra e pão” e o lema: “Povos, rios, veredas e nascentes são dons de Deus. Em romaria e resistência.” Alguns cartazes diziam “MST em luta contra o envenenamento no campo e o trabalho escravo” e “Agro é morte”⁶⁵.



Foto 26: Dona Marta nos mostrando sua plantação de mandioca. Autoria: Luan Henrique Silva, novembro de 2018

⁶⁴ As sementes crioulas são variedades cultivadas pela agricultura familiar, nos assentamentos, quilombos e pelos povos indígenas. Há uma ampla diversidade, que também é preservada em bancos de sementes. Esses bancos também servem como estoque em casos de falhas na safra para recuperar a produção. De acordo com o Ministério de Desenvolvimento Agrário: “A professora Lia Rejane Reinger, do Departamento de Fitotecnia da Universidade de Santa Maria (UFSM), destaca que as sementes crioulas constituem um imenso repositório genético não somente para as comunidades que as conservam, mas para toda a humanidade: “Vai além dos cenários locais e regionais, uma vez que seus genes são importantes para garantir a sobrevivência dos cultivos agrícolas que se esgotam em seu germoplasma pelos programas convencionais de melhoramento genético”(Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2016)

⁶⁵ Fonte: <http://xxromariadasaguasedaterramg.blogspot.com/2017/07/visual-da-20-romaria-das-aguas-e-da.html>

Em diversos momentos enquanto caminhávamos pelo bairro Cachoeira ou no caminho para a roça, dona Marta falava do desmatamento. Em conversas cotidianas com outros/as familiares dela isso também foi uma preocupação central. “Isso dói na gente.”, me disseram. Outra questão muito abordada era o milho. A tradicional farinha de milho, cuja produção Marta aprendeu com sua mãe Dominga, que aprendeu com Joanna D’Arc sua avó, que provavelmente aprendeu com sua mãe, que era indígena, essa farinha já não é a mesma. Tampouco o mingau (que em Brasília costumamos chamar de curau). Esses alimentos não são mais os mesmos porque são feitos de milho e o milho não é mais *aquela* milho *daquela* época. “Esse é outro milho e já não é o mesmo e não é tão bom.”, as irmãs de Marta me explicam. “Esse milho tem outro gosto”. Conversamos sobre as dificuldades da compra de alimentos orgânicos, isto é, livres de agrotóxicos e que não sejam modificados geneticamente, e sobre a resistência dos pequenos agricultores.

O milho transgênico se tornou o símbolo da Monsanto, segundo levantamento da Greenpeace (2005) e do Grupo ETC (2013), uma das empresas de maior influência no mercado internacional de organismos geneticamente modificados. A imagem do milho transgênico foi usada juntamente com uma caveira para apontar para riscos de saúde e a morte da biodiversidade por movimentos contra a Monsanto, contra o uso de agrotóxicos e sementes transgênicas em geral. A Monsanto vende sementes resistentes aos herbicidas que ela própria comercializa. Essas sementes são patenteadas, o que significa que os agricultores não podem guardar parte da colheita como sementes para plantação no ano seguinte, mas precisam comprá-las a cada plantio. Na pesquisa *O rei dos GMOs⁶⁶ está nú* (2011) publicado pela ONG Navdanya International com sede na Índia, além de denunciar que as promessas da Monsanto em relação a aumento das colheitas não teriam se realizado, argumenta que o endividamento por conta do patenteamento teria resultado no suicídio de 250 mil fazendeiros, a maioria ligada ao plantio de algodão na Índia.

O patenteamento das sementes levanta também uma discussão acerca da noção de propriedade. A autora e ativista negra Jurema Werneck, atualmente diretora da Anistia Internacional – Brasil, argumenta que, quando sementes de tornam propriedade, em última instância a vida passa a ser propriedade, controlada por empresas.

“A principal questão ainda não está respondida: para onde os transgênicos vão nos levar? A primeira resposta é: para a radicalização das noções de

⁶⁶ GMOs significa Genetic Modified Organisms, organismos geneticamente modificados em inglês

propriedade, onde organismos vivos – a vida - viram propriedade privada. Isto já aconteceu antes na história da humanidade e se chamava escravidão. Agora, o título de propriedade seria conferido a alguma empresa multinacional (os novos senhores, sem rostos, sem nome), e o controle acontece no nível molecular.” (WERNECK, 2006b, p.3)

A autora alerta para os diversos riscos desse controle, entre estes a “transformação da vida e seus processos em produtos vendáveis para quem puder pagar” (WERNECK, 2006b, p.3) O termo tecno-eugenia se refere exatamente à essa nova face da eugenia, de uma possibilidade de privatização e comercialização da vida através da biotecnologia. Movimentos negros, quilombolas, comunidades rurais e indígenas têm denunciado os riscos para a biodiversidade e para a saúde relacionados aos transgênicos, e como estes prejudicam principalmente estas populações, uma discussão já avançada sob o conceito de racismo ambiental. (CARVALHO, 2017; BULLARD; 2017, PACHECO, 2006)

De acordo com Werneck (2006), estamos vivendo uma era do controle da informação, tanto da informação em termos genéticos, da natureza, quanto em termos da circulação de informação nas mídias, no mundo virtual. Em 2006, 188 países assinaram a Convenção sobre Biodiversidade, cujos representantes vieram ao Brasil para debater uma regulamentação referente ao acesso de países e empresas à intervenção genética sobre a natureza e os usos desta. Racismo, sexismo, LGBTfobia, genocídio, eugenia não foram discutidos. “Mas estão – desde muito tempo – nas entrelinhas. Estão nos interesses de corporações e de governos. Podem estar nas suas consequências.” (WERNECK, 2006, p.2)

“Ao mesmo tempo (...) há um excesso de desinformação produzida pela mídia, paradoxalmente, através do bombardeio que fazem sobre as maravilhas e promessas teoricamente associadas a estas técnicas. Nunca abordam as falhas, as impossibilidades, os interesses, o sofrimento que produzem ou podem produzir. Interesses de lucro estratosféricos e de poder nas mãos de pequenos grupos; interesses de dominação; interesses de controlar processos vitais, substituindo as regras da natureza ou do sagrado, nunca aparecem associados ao desenvolvimento e uso da moderna biotecnologia. São interesses que já conhecemos e que já mostraram sua capacidade de dor e destruição. Racismo, sexismo, homofobia, intolerância religiosa e muito mais, que podem – e vão - ser potencializados pelas novas possibilidades tecnocientíficas. Estas tecnologias estão nas mãos de poucos, num novo modelo de monopólio transversal, que busca controlar os códigos de informação em qualquer que seja sua plataforma: átomos da tabela periódica, genes, bits, etc, com vastas aplicações sobre as diferentes formas da existência. Impactando a natureza inteira, os seres vivos, os humanos.” (WERNECK, 2006, p.1)

As elaborações de Werneck dialogam muito com o momento em que essa pesquisa foi realizada, momento de crescente descaso com o ensino, ciência e pesquisa, ameaças ao pensamento crítico, mortes de defensores da terra e do meio ambiente e tentativas de flexibilizar leis relativas aos agrotóxicos e transgênicos no país⁶⁷. Estamos vivendo a potencialização de racismo, misoginia, LGBTfobia⁶⁸, legitimadas por discursos de ódio proferidas por políticos e seus apoiadores, difundidos através da comunicação virtual. Todos esses processos parecem vinculados aos interesses descritos por Werneck, isto é, de lucro, dominação e controle da vida.

No entanto, pessoas como dona Marta, continuam caminhando. O assassinato de João de Souza, pai de Mariana e marido de Rosana, além de aumentar mais ainda a determinação de sua família a seguir sonhando, acarretou em uma onda imensa de solidariedade por parte de outras comunidades rurais. Reconstruindo suas casas, a si mesmos/as e a suas comunidades, defensores/as da terra estão se organizando e se fortalecendo, de várias distintas formas, se refazendo na(s) luta(s), em todos os seus diferentes significados.

⁶⁷ Ver Projeto de lei denominada por opositores de “lei do veneno”: Lei 6.299/2002 e (PLC) 34/2015 segundo a qual empresas não serão mais obrigadas a informar o uso de produtos transgênicos nos rótulos de alimentos, quando esta for inferior a 1% da composição total. Acerca da “Lei do veneno” a Organização das Nações Unidas (ONU) emitiu uma carta ao governo brasileiro manifestando sua preocupação com a lei. Entre outras, que “as múltiplas alterações propostos ao marco legal e institucional existente referente aos agrotóxicos possam enfraquecer significativamente os mecanismos de proteção que são vitais para garantir os direitos humanos de agricultores, comunidades que vivem em torno de locais de aplicação de agrotóxicos, e da população que consumo os alimentos produzidos com base nestes produtos químicos” (Globo rural, 20 de junho de 2018)

⁶⁸ De forma geral, o ódio contra lésbicas, gays, bissexuais e transexuais.



8. Referencias bibliográficas

6.1 Livros, coletâneas, artigos

AARÃO REIS, Daniel. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ALFONSIN, Jacques Távora. *A legitimidade popular para cobrar função social à propriedade*. Disponível em <<http://www.mst.org.br/2015/05/13/a-legitimidade-popular-para-cobrar-funcao-social-a-propriedade.html>> publicado em 13 de maio de 2015 07h35, último acesso 17/10/2018

ARAÚJO, Ariella Silva. A mulher negra no pós abolição. In: *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as*, v.5 n. 9, p. 22-36, fev. 2013. Disponível em < <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/234>> último acesso em 19/01/2019

AZZI, Riolando. As Romarias no Brasil. In: *Revista de Cultura Vozes. Religiosidade Popular na América Latina*. Petrópolis, Ano 72, vol. LXXIII, no. 4, pp 39-54, Petrópolis, RJ: maio 1979

BASTIDE, Roger. *Sociologie des Maladies Mentales*. Paris, França: Flammion, 1965

BASTOS, Priscila da Cunha. *Entre o quilombo e a cidade: trajetórias de individuação de jovens mulheres negras* (Mestrado), Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2009.

BAIROS, Luiza Helena de. *Pecados no paraíso racial: o negro na força de trabalho da Bahia, 1950-1980*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Bahia, 1987.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica, In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (Orgs) *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas, SP: Papirus, 2006 [1998] 5ed.

BORGES, Antonadia. Terra. In: SANSONE, Livio; FURTADO, Cláudio Alves. *Dicionário Crítico das Ciências Sociais dos Países de Fala Oficial Portuguesa*. p. 431-443 Salvador: EDUFBA, 2014.

BORGES, Roberto Carlos; BORGES, Rosane da Silva (Orgs), *Mídia e Racismo*, Coleção Negras e Negros: pesquisas e debates, Petrópolis, RJ : DP: Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de Viola. Rituais Religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.



BULLARD, Robert. Enfrentando o racismo ambiental no século XXI. In ACSELRAD; Henri; HERCULANO, Selene; PÁDUA (Orgs.) *Justiça Ambiental e Cidadania*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004

CABRAL, João de Pina; LIMA, Antonio Pedroso de. Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social. In: *Etnográfica*, vol 9 No. 2 , pp. 355 - 388. Lisboa, Portugal, 2005

CAILLÉ, Alain. *Antropologia do Dom: O terceiro Paradigma*. Petrópolis; RJ: Vozes, 2002

CARVALHO, Layla, *Da esterilização ao Zika: interseccionalidade e transnacionalismo nas políticas de saúde para as mulheres*, Universidade de São Paulo, 2017 (Tese de doutorado)

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Feusp, 2005. (Tese de doutorado)

_____. *Mulheres em Movimento*. In: *Estudos Avançados*, vol.17 no. 49, Universidade de São Paulo, 2003

CARSTEN, Janet. Introduction: Cultures of Relatedness In: CARSTEN, Janet (Org). *Cultures of relatedness: new approaches to the study of Kinship*, Cambridge University Press, 2000

CHIVARRO, Juan Sebastian; TYROU, Emma. *Renewed Social Outcry in Colombia: La Minga, the Struggle of the Marginalized* In: Council On Hemispheric Affairs, Washington, USA, 10/06/2016, disponível em <<http://www.coha.org/renewed-social-outcry-in-colombia-la-minga-the-struggle-of-the-marginalized/>> último acesso 19/01/2019

COMERFORD, John Cunha. *Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas* Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999

COSTA, Lúcia Denise de Sousa. *Canção Popular Nas Comunidades Eclesiais de Base: Análise do Papel Social e Educativo nas Décadas 70/80 em Lages/Santa Catarina*, (Tese de Mestrado) Florianópolis, 2008

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: Intersectionality, Identity Politics, and violence against Women of Color, *Stanford Law Review* Vol 43, p.1241- 1299, Stanford, USA, 1993.

DAVIS, Angela. *Mulher, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016, [1981] Tradução por CANDINI, Heci Regina

Diário Liberdade. “O feminismo comunitário é uma provocação, queremos revolucionar tudo”, Última modificação em Domingo, 22 Maio 2016 11:26, disponível em <<https://gz.diarioliberalidade.org/america-latina/item/12022-o-feminismo-comunitario-e-uma-provacao-queremos-revolucionar-tudo.htm?fbclid=IwAR0HDS-omGGIAKTLv5l5IVqCQPK2U3l0Qq%20geKHdY3IMEWFs5T-Fv1U7rh4>> último acesso



20/01/2019

FAVRET - SAADA, Jeanne. Ser afetado. In: *Cadernos de Campo*, no.13, p.155-161, São Paulo, 2005, Tradução por SIQUEIRA, Paula e revisão por LIMA, Tânia Stolzer.

Feministas Comunitárias de Abya Yala (FeCay). *El desafío de la despatriarcalización. Entramado para la liberación de los pueblos*. La Paz, Bolívia: FeCay, 2016

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: *O Saber Local*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997

GOHN, Maria de Glória. *Teoria dos movimentos sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola 1997 1997

GONZALEZ, Keila Patricia. *A Renovação Carismática Católica: continuidades e rupturas no catolicismo brasileiro (1969-2005)* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP - Universidade Estadual Paulista , 2006

GONZALEZ, Lelia. *Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher*, mimeo, Annual Meeting of the Latin American Studies Association, Pittsburgh, USA, 5-7 de abril, 1979a

_____. *O papel da mulher negra na sociedade brasileira*, mimeo, Spring Symposium the Political Economy of the Black World. Los Angeles, USA, 10-12 maio de 1979b

_____. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GREEN, James. "Who is the Macho Who Wants to Kill Me?": Male Homosexuality, Revolutionary Masculinity, and the Brazilian Armed Struggle of the 1960s and 70s, In: *Hispanic American Historical Review*, v. 92, no. 3, agosto, Durham, USA: Duke Universitypress, 2012, p. 437-469

Tradução disponível em: <http://www.corteidh.or.cr/tablas/r33222.pdf> , último acesso 19/01/2019

GREEN, James; QUINALHA, James (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos/SP: EduFSCar, 2014.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo, Black Identities in Brazil , Ideologies and Rethorik In: *desiguALdades.net Working Paper Series* no. 52, Berlin, Alemanha: Freie Universität von Berlin, 2013

_____. Como trabalhar com raça em sociologia, In: *Educação e Pesquisa*, v.29, n.1, p.93-107. Jan/junho, São Paulo, 2003

_____. Raça, cor de pele e etnia. In: *Cadernos de Campo*, v.20, n.20, Jan-dez, 2011, São Paulo, p.265-271

SILVA, Natanael de Freitas. Ditadura civil-militar no Brasil e a ordem de gênero: masculinidades e feminilidades vigiadas. In: *Mosaico*. vol 7. no.11, Rio de Janeiro: 2016, p.65-83



HAESBAERT, Rogério. *Dos Múltiplos Territórios à Multiterritorialidade*. Porto Alegre: UFRGS (no prelo), 2004

_____. Identidades Territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. In: *Revista Estudos Feministas*. v.3 n.2, Universidade Federal de Santa Catarina, Tradução de SANTARRITA, Marcos

_____. Love as the practice of freedom. In: HOOKS, Bell. *Outlaw Culture. Resisting Representations*. New York/USA: Routledge, 2006, p. 243-250. Tradução para uso didático por DO NASCIMENTO, Wanderson Flor

Jornal dos Trabalhadores SEM TERRA. artigos de 1981-1992 disponível em <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemerolt&pagfis=1287>>, último acesso 20/12/2018

MACHADO, Maria das Dores; MARIZ, Cecília. Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, n. 34, p. 71-87, São Paulo, 1997

MANGGINI, Tiago Roberto Tenroller. *Campesinato e agronegócio: A experiência educativa do assentamento Eldorado dos Carajás Unai/MG*. 176 p. (Dissertação de Mestrado em Educação), Universidade de Brasília, Brasília, 2012

MALUF, Sônia Weidner. Antropologias, Narrativa e a Busca de Sentido, In: *Horizontes Antropológicos*, ano 5, no. 12, p. 69-82, Porto Alegre, dezembro de 1999

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Cosac Naify Portátil 25, São Paulo, 2013 [1925]

MARTINS, Leila Chalub; NASCIMENTO, Claudemiro G.. Pedagogia da Mística: as experiências do MST. In: *Revista Emancipação*, n. 8 (2), p. 109-120, Ponta Grossa, Paraná, 2008.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. In SAQUET, Marcos Aurelio, SPOSITO; Eliseu Savério (Orgs), *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*, São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

MENEZES NETO, Antonio Julio. A Igreja católica e os movimentos sociais do campo: A Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, In: *Caderno CRH*, vol. 20, núm. 50, maio-agosto, Salvador, Bahia, 2007, pp. 331 - 341

MITIDIEIRO JUNIOR, Marco Antonio. *A ação territorial de uma igreja radical, teologia da libertação, luta pela terra e atuação da comissão pastoral da Terra no estado de Paraíba*. (Tese de Doutorado) São Paulo: USP, 2008

NASCIMENTO, Abdias do, *O Genocídio do Negro Brasileiro – Processo de um racismo mascarado*, São Paulo: Editora Perspectivas, 2016 (1978)



NORA, Pierre. *Entre memória e história: A problemática dos lugares*, In: Projeto História, vol.10, São Paulo, dezembro, 1993

NOVAES, Roberta Brandão, Trajetórias, experiências de trabalho e práticas de deslocamento entre os assalariados do café em um município de Minas Gerais – um olhar a partir da experiência em um abrigo de trabalhadores, In: *O Social em Questão*, Ano XIV, nº 25/26, p.359 - 394, Rio de Janeiro: PUC , 2011

NOVAES, Regina. (1985), *Os Escolhidos de Deus; pentecostais, trabalhadores e cidadania*. Rio de Janeiro, Marco Zero/ISER.

O'DWYER, Eliane Cantarino. Terras de quilombo: identidade étnica e os caminhos do reconhecimento, In: *TOMO* São Cristóvão-SE no. 11 jul./dez. 2007

OYÈWÚMI, Oyèronké. Family bonds/Conceptual Binds: African notes on Feminist Epistemologies. In: *Signs*, Vol. 25, No. 4, Feminisms at a Millennium, 2000, pp. 1093-1098. Tradução para uso didático por DA ROCHA, Aline Matos da Rocha.

PACHECO, Tania (orgs) *Racismo Ambiental*. Rio de Janeiro: FASC, 2006.

PAREDES, Julieta. *Hilando Fino. Desde el feminismo comunitario*. La Paz, Bolívia: Comunidad Mujeres Creand Comunidad, novembro de 2014

PETRAS, James. Os camponeses: uma nova força revolucionária na América Latina. In: STEDILE, João Pedro (Org). *A reforma agrária e a luta do MST*. Petrópolis: Vozes, 1997.

PLÍNIO DOS SANTOS, Carlos Alexandre Barboza Plínio. Maria do Povo: etnografia de uma resistência no semiárido piauiense. In: *Vivência: Revista de Antropologia*, v. 1, n. 43, 12 mar. 2015.

_____. *Fiéis descendentes: redes-irmandades na pós-abolição entre as comunidades negras rurais sul-mato-grossenses*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2014. 480p .

_____. *Quilombo do Tapuio (PI): Terra de Memória e Identidade*. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. vol.2, nº 3, Rio de Janeiro, 1989

_____. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*. vol.5, nº 10, Rio de Janeiro, 1992

PRADO, Ediano Dianísio do, “Vila Ilze” - o viver fragmentado do “Bóia Fria” - um estudo sobre o cotidiano de trabalhadores volantes de Itapira, Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas, 2001

REIS, Alice. *Matéria é Memória*. Coluna Desha, 17 de setembro de 2018, disponível em <https://coluna.desha.com.br/materia-e-memoria-alice-reis/>, último acesso 19/01/2019

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: OLIVEIRA, Márcio Piñan; HAESBAERT, Rogério; MOREIRA, Ruy. *Território, territórios. Ensaios sobre o ordenamento territorial*.



Rio de Janeiro: Lamparina, 2007

SAUER, Sérgio. Reforma Agrária e o sindicalismo rural: a luta pela terra no “entorno” de Brasília, In: *Série Experiência*, Cartilha Projeto CUT-CONTAG, agosto de 1999

SILVA, Maria Lúcia da. Racismo e seus efeitos na saúde mental. *Anais do Seminário Saúde da população negra*, 2004.

SILVA, Régia Agostinha da. A mente, essa ninguém pode escravizar. In: *Leitura, Teoria e Prática*, v.29, no.56, p.11-19, Associação da Leitura no Brasil, Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, 2011 Disponível em <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/52>> último acesso 19/01/2019

Livraria da Travessia. Sinopse de LAGARTA, Marta. *A menina que ia para longe*. Porto Alegre: Projeto, 2009. Disponível em <https://www.travessa.com.br/a-menina-que-ia-para-longe/artigo/b6c67e2b-94d8-41dc-9aeb-e83014d35f09> último acesso 20/01/2019

VALÉRIO, Mairon Escorsi. *Entre a cruz e a foice: Dom Pedro Casaldáliga e a significação religiosa do Araguaia*. (Dissertação de Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp, 2007

WERNECK, Jurema. Biologia, Biodiversidade, Biopolítica - novidades na luta anti-racista? In: *Jornal Irohin*, Bahia, 2006a

_____. Racismo Institucional e a Saúde da População Negra, In: *Saúde Soc. São Paulo*, v.25, n.3, p.535-549, 2016 disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v25n3/1984-0470-sausoc-25-03-00535.pdf>> último acesso 20/12/2018

_____. Transgênicos e daí? Os organismos geneticamente modificados na pauta da luta anti-racista Transgênicos e daí? In: *Jornal Irohin*, Bahia, maio de 2006b

WILLIAMS, Heather. bell hooks speaks up. In: *The Sandspur* Vol 112 Issue 17 , publicado em 2/10/2006, disponível em <<https://issuu.com/thesandspur/docs/112-17>>

WOORTMANN, Ellen. Homens de Hoje, Mulheres de Ontem: Gênero e memória no seringal. n: FREITAS, C.: *Anais do I Seminário e da II Semana de Antropologia da UCG*. Goiânia: Editora UCG, 1988

_____. O Sítio Camponês. In: *Anuário Antropológico* 81. 1983,

6.2 Leis, relatórios, encartes

BRASIL. Lei Federal Nº 7.802 de 11 de julho de 1989, disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4074.htm#art98> último acesso em 19/01/2019

BRASIL, Lei Federal Nº 6.969, de 10 de dezembro de 1981. Lei Usucapião, disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6969.htm> último acesso em 19/01/2019

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. Porantim Encarte Pedagógico X, O Bem Viver indígena e o futuro da humanidade, dezembro de 2015, disponível em

<https://www.cimi.org.br/pub/Porantim/2015/Encarte_Porantim381_dez2016.pdf> último acesso 20/12/2018

GLOBAL WITNESS. Relatório: “A que preço?”, 24/07/2018, disponível em <<https://www.globalwitness.org/en/campaigns/environmental-activists/a-que-pre%C3%A7o/>> último acesso 16/11/2018

GREENPEACE, Report Monsanto, 01/04/2005
<https://www.greenpeace.de/presse/publikationen/report-monsanto>, último acesso 15/11/2018

GROUP ETC, Gene Giants Seek “Philanthrogopoly” Ag monopoly makes mergers suspect – Big Six create “charity” cartel instead, conning regulators and public breeders. Março de 2013,
http://www.etcgroup.org/sites/www.etcgroup.org/files/ETCCommCharityCartel_March2013_final.pdf, último acesso 15/11/2018

NAVDANYA INTERNATIONAL. The emperor of OMGs has no clothes - A global citizens report on the state of GMOs, False Promises, Failed Technologies, 2011, disponível em <https://www.stopogm.net/sites/stopogm.net/upload/abc/GMO_EMPEROR_Report.pdf> último acesso 19/01/2019

Revista Globo Rural. ONU faz alerta sobre aprovação de nova lei dos agrotóxicos no Brasil. 20/06/2018, disponível em <<https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Politica/noticia/2018/06/onu-faz-alerta-sobre-aprovacao-de-nova-lei-dos-agrotoxicos-no-brasil.html>>, último acesso 16/11/2018

6. 3. Websites e Filmes

20ª ROMARIA DA TERRA E DA ÁGUA, Minas Gerais, 2017
<http://xxromariadasaguasedaterramg.blogspot.com/2017/07/visual-da-20-romaria-das-aguas-e-da.html>, último acesso 16/11/2018

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Você sabe qual a importância das sementes crioulas? , 10/09/2016, <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/voc%C3%AA-sabe-qual-import%C3%A2ncia-das-sementes-crioulas> último acesso 16/11/2018

MOVIMENTO DE CURSILHOS. Cristandade de Belo Horizonte/MG.
www.cursilhobh.com.br/o-cursilho/cursilho/ último acesso em 18/09/2018

FAWKS, Jaqueline. Brasil, o país mais letal para defensores da terra e do meio ambiente. In. *El País*, 25/07/2018,
https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/23/internacional/1532363870_921380.html, último acesso 16/11/2018

9.2 As demandas das mulheres na constituinte – acervo pessoal de dona Marta,
documento da A.M.T.U

A MULHER NA FAMILIA

A mulher é pessoa importante na família, mas ela tem ^{que} acolher esta importância, ela deve ser: amável, amiga, alegre, acolhedora e trabalhadora e nós mulheres sempre esquecemos que somos pessoa importante como todas as outras, deixando de ser saudável carregando conosco o mau humor e tristeza, chegando a uma tristeza profunda de se lamentar e chorar; chegando ao desleixo. Isto é muito comum em nós mães, como se nós fosse uma das piores pessoas da família, isto sempre acontece quando alguma coisa não dá certo. Sabemos que não é fácil para nós mulheres sermos alegres, quando passamos por grandes dificuldades e sofremos a discriminação da mulher passamos por mãe disnaturada, quando qualquer coisa de ruim acontece com nossos filhos, o trabalho não valorizado isto nos choca e nos faz triste e desanimada com o peso da responsabilidade para com o marido e os filhos isto nos leva a esquecer das nossas qualidades de mãe, esposa, dona de casa. Colocando um pouco do Evangelho "E Maria disse: Sim, porque eu sou pobre e humilde, mas a minha graça é grande". Maria gostaria de continuar a vida que a mulher observando sua origem ela é uma heroína oculta que na sociedade é lembrada como destaque de comercialização dizendo: é dia das mães (compre seu presente aqui) mas na verdade ela é muito mais que isto ela é na verdade uma administradora não deixando de lembrar a importância do pai, ela é tudo na vida de uma família, mesmo não sendo reconhecida assim.

A mulher supera tudo isto buscando na família a compreensão de todos confiando nela mesma, se valorizando como pessoa humana capaz de ajudar na transformação da sociedade, formando boas filhas não deixando su que só a professora e a catequista tome conta da formação dos seus filhos sejamos nós mesmas as primeira educadora de nossos filhos dialogando com eles, com suas mães para nos ajudar nesta formação, levando em ^{de conta} consideração a vida familiar e social pois a vida lá fora também influi na vida familiar, nós mães devemos ser testemunhas de amor pois vimos isto no texto bíblico que nos ensina. Texto:

E falando em testemunho nós vimos que Maria se põe a serviço também para servir os outros texto mostra nos hoje na ação comunitária, nas associações, nos clubes de mães a serviço da comunidade, pois isto não nos impede de sermos boas mães e esposas exemplares, pois, no texto da transformação do vinho mostra quanto Maria era a-

9.3 Canções da A.M.T.U – Acervo pessoal de dona Marta

1- LOUVADO SEJA MEU SENHOR.

REFRÃO: LOUVADO SEJA MEU SENHOR, POR TODAS SUAS CRIATURAS.

- Pelas pessoas que acreditam no pequeno e se ajuntam para vida melhorar. (bis)
- Pela mulher que lava roupa, cozinha arruma casa e ainda sabe acarinhar. (bis)
- Pela operária da cidade que sabe fazer coisas de agente duvidar. (bis)
- Pela mulher que é lavradora que pega a sua enxada para a terra cultivar. (bis)
- Pela mulher do migrante que cozinha enfrenta aluta, pra família sustentar. (bis)
- Pela mulher madrugadeira, que sobe no caminhão para o patrão enriquecer. (bis)
- Pela mulher, que conversando descobre que o sindicato é também o seu lugar. (bis)
- Pela mulher que se organiza, buscando seus direitos p/ a vida libertar. (bis)

2- TÁI.

- Tá, tá na hora da mulher se organizar se unir ^{lutar} contra a opressão. Ser feliz, ser feliz conquistar liberdade. =REFRÃO
- Nós mulheres vamos agora reunir/ pra falar e também discutir/ nossos direitos que Deus nos deu/ e com esperança o dever cumprir. (bis)
- Esta maneira de exploração/ o povo já não aguenta não/ vamos lutando com muita garra para acabar com a opressão. (bis)

3- BAIÃO DO VIVA AS MULHERES.

- Viva, viva, as mulheres desta nação/ que vai gerando no ventre/ a nova semente da libertação/ que vai trazendo no sangue/ a semente nova da revolução.
- Sai ela de manhã/ cedo vai ela sem medo já trabalhar duro/ suado ela tem conquistado o solo do duro penar.

4- OLÊ MULHER RENDEIRA.

REFRÃO: OLÊ MULHER RENDEIRA, OLÊ MULHER RENDÁ. TU ME ENSINA FAZER RENDA, EU TE ENSINO ORGANIZAR.

- A mulher que não organiza fica sempre na pior, trabalha de bóia-fria ainda ganha miséria.
- A mulher do lavrador está sempre labutando, ajudando seu marido ganhar o pão de cada dia.
- A mulher que não tem medo, de lutar por seus direitos enfrenta a luta com coragem, ajudando seus companheiros.

5- FACÃO PRETO.

- Me disseram que foi visto um facão preto, pela cidade a todo lado a cortar, dali a pouco eu vi o gato e o facão, / e os dois juntos cortando meu ganha pão.
- Nesta luta fiquei muito assustado. porque quem ganha a luta é sempre o sistema.



Que ganha muito e tem tudo às nossas custas, agente fica como escravo do patrão.

REFRÃO: FACÃO PRETO, COM O SEU CORTE MALDITO/ MEU SALÁRIO TÃO PRECÁRIO, VOCE
TAMBÉM FOI CORTAR. FACÃO PRETO ESTOU VAGANDO NA RUA E A CULPA É TODA
SUA, NÃO TENHO ONDE TRABALHAR.

-Usaneiro que ver a sua vez, por Deus do céu que também há de chegar, você e o
gato podem estar sorrindo agora, mas um dia vocês terão que pagar.

-O peão chora esta luta tão tristonha, mas necessária para tudo resolver, per-
di trabalho mas o facão fez bonito, porque esta luta põe o gato pra correr.

2- NÃO NOS MOVERÃO.

REFRÃO: NÃO NOS MOVERÃO? NÃO NOS MOVERÃO. (bis)
COMO UMA ÁRVORE FIRME JUNTO AO RIO! NÃO NOS MOVERÃO!

-Unidos aos operários - Não nos moverão! Unidos em nossas fábricas. Não nos move-
rão. COMO UMA ÁRVORE....

-Unidos aos lavradores - Não nos moverão! Pela reforma agrária. Não nos moverã.
COMO UMA ÁRVORE....

-Unidos aos índios - não nos moverão! Em sua luta pela terra - Não nos move-
rão. COMO UMA ÁRVORE...

-Unidos aos negrões - Não nos moverão! Contra a marginalização - Não nos moverão.
Como UMA ÁRVORE...

-Unidos às mulheres - Não nos moverão! Na conquista de seus direitos- Não nos
moverão! COMO UMA ÁRVORE...

-Unidos na luta - Não nos moverão! Unidos até a morte - Não nos moverão! COMO
UMA ÁRVORE...

9.4 Movimento de Consciência Negra de Unai – Carta de apresentações e provérbios –
Acervo pessoal de dona Marta

O movimento
O grupo de Consciência Negra de Unai surgiu na década de 80 a partir da necessidade de nós negros mostrarmos nossos valores e contribuições à cultura brasileira, além é claro de ~~desfazer~~ desfazer alguns mitos que ainda hoje cercam o "NEGRE" do tipo: "negro é vagabundo", e "preguiçoso", e "frio", e "macumbeiro", etc...

Tínhamos como fonte de inspiração as dificuldades que sofriamos e viamos outros sofrer, por causa da discriminação, se não nos uníssemos racial e racialmente com certeza perdíamos nossa cultura ainda mais ~~destruída~~ ^{masculinizada} pela ideologia branca, que há algumas décadas atrás era a ideologia aceita e respeitada.

Durante anos esse grupo foi atuante em nossa comunidade, participou de vários eventos a nível regional e nacional, buscando fortalecer ainda mais nossas consciências de que a negritude é bela, tem história, e tem razão de ser assim tão marginalizada, mas tem mais razão para ser erguida, ser forte e grandiosa.

ayita
— não se compreende todo o caminho num grande e único passo: novas estradas se abrem se persiste no caminho.

Se alguém quer que as pessoas participem, deve, antes de mais nada, levá-las a sério.

A unidade não vem do fato de todas as pessoas e setores, de uma instituição realizarem as mesmas ações, mas de todas caminharem na mesma direção.

ayita
— Andar de bicicleta é uma coisa simples: aprende-se com o tempo e se aperfeiçoar cada vez mais o que se aprendeu. mas não se pode andar em duas bicicletas ao mesmo tempo.

Governar é coordenar o processo de definição participativa dos rumos de um povo.

Se você tem barato na sua cozinha, terá que livrar-se delas, mas não poderá fazer disto a grande tarefa de sua vida.

09-79



9.5 Bilhete de dona Marta para a sua "neta de aluguel"

QUARTA • WEDNESDAY • MÉRCOLES

04

JUNHO
JUNE
JUNIO

IMPORTANCIA

07:00 Gasmim!

08:00

09:00 Toma seu

10:00

11:00 Café

12:00

13:00

14:00

15:00

16:00

Jul • Jul • Jul

* Q Q S S D S T Q Q S S D S T Q Q S S D S T Q Q
79 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

Semana Work 25